

APRESENTAÇÃO

Uma dispersão supõe mescla, associação, perdas e ganhos de materiais, sua irradiação e contato com outros materiais semelhantes ou diferentes. Conseqüentemente, também envolve diferentes temporalidades e historicidades, choques ou aproximações ideológicas, avanços e recuos, dobras e, enfim, uma relação com as origens e seus outros. Nesse sentido, uma dispersão implica, portanto, sínteses-aberturas (Didi-Huberman) que permitem colocar em diálogo todo um universo de sentidos, tempos, significados, estilos, formas, estruturas, teorias e concepções analíticas, o que faz com que a dispersão crie condições para a emergência de um universo discursivo aberto a contradições, tensões e, fundamentalmente, ao diálogo e, talvez, a uma perspectiva democrática que, se nem sempre nos traz respostas, deixa-nos, no entanto, uma série de perguntas. Para os limites deste dossiê, essas perguntas giram em torno da arte e da literatura modernas e contemporâneas, especialmente, na América Latina.

Em sua *Teoria estética*, Adorno sustenta que é um traço da própria arte (mas ele tem em mente, de fato, a arte moderna) a tendência a forçar os próprios limites, colocando em tensão algo que lhe é próprio – estilos, temporalidades, gêneros escriturais, figuras, etc. – e algo que lhe escapa, mas que, paradoxalmente, a constitui, também. Por sua vez, a arte e a literatura contemporâneas vêm radicalizando esse movimento em direção a um “fora de si”, o que tem levado muitos críticos de nossa época a tratar da questão a partir de propostas várias, como a pós-autonomia, que ganhou destaque com as reflexões de Josefina Ludmer; a inespecificidade na estética contemporânea, tal como formulada por Florencia Garramuño, para tratar de um contexto em que o crítico se vê obrigado a pensar a “arte fora dos limites da arte”; as escritas que se constituem em verdadeiros laboratórios de experimentação e operam uma reflexão sobre a arte e o artista contemporâneos, como argumenta Reinaldo Laddaga, que, inclusive, propõe que, a partir dos anos 1990, aproximadamente, poderíamos pensar num processo (em andamento) de emergência de uma nova cultura das artes, de algum modo herdeiro da cultura da arte moderna – seus modos de fazer e de existir, etc. –, porém não mais pertencente a ela.

E poderíamos acrescentar a essa breve enumeração as reflexões de Flora Sussekind sobre as “formas corais” e os “objetos verbais não identificados” na literatura brasileira contemporânea, assim como as reflexões sobre os desafios para se pensar a literatura, a cultura e a crítica recentes, que, para nos limitarmos a alguns nomes, poderiam passar pelas obras de Jacques Rancière, Georges-Didi-Huberman, Natalia Brizuela, Borys Groys, Slavoj Žižek, etc., sem qualquer pretensão enciclopédica ou exaustiva de nossa parte, aqui.

De certo modo, é com este universo que os textos que formam este dossiê dialogam. Intitulado originalmente de “estéticas da dispersão”, e produzido a partir de perspectivas teórico-críticas, *corpora* literários e artísticos, assim como geografias literárias e críticas variados, o dossiê aponta, em sua própria configuração, para as tensões e irradiações inerentes à dispersividade de que trata. Nesse sentido, a dispersão emerge, se não como um conceito,

como um exercício de síntese-abertura que nos permite ler a arte e a literatura modernas e contemporâneas, pondo-as em relação, no horizonte de discussões da crítica atual.

Eleonora Frenkel, da Universidade Federal do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, abre o dossiê, com o texto “Artes em contato, experiência e afecção”, no qual explora os processos de diálogo e interferência entre as artes no contexto das vanguardas históricas, no início do século XX, e de seus desdobramentos no âmbito daquilo que, no Brasil, chamamos de modernismo. Nesse sentido, aponta para o literário como sendo heterônimo e aberto a um movimento de afecção recíproca e constante entre as artes.

Em “La os-cura cara del amor: el ‘método peligroso’ de Jung en *La tejedora de sombras* de Jorge Volpi”, Jairol Nuñez Moya, da Universidad de Costa Rica, em San José, realiza uma leitura do romance *La tejedora de pájaros*, do mexicano Jorge Volpi, mostrando como a narrativa do escritor opera uma aproximação entre a escrita ficcional, na literatura, e o método analítico de Jung. Deste modo, o trabalho põe em diálogo não só a literatura e a psicanálise, mas também certos traços potencialmente ficcionais ou ficcionalizáveis de ambos, no que concerne a seus modos de ação na linguagem.

Professora da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, Isis Milreu é a autora do artigo intitulado “*Memorial de Buenos Aires*: memórias apócrifas de Jorge Luis Borges e Machado de Assis”. Nele, ela analisa o romance *Memorial de Buenos Aires*, do brasileiro Antônio Fernando Borges, explorando as relações entre literatura, história da literatura e crítica literária. Deste modo, tanto estuda o procedimento de transformação de escritores em personagens, frequente na literatura contemporânea, quanto desvela a narrativa do autor como sendo um lugar discursivo aberto a especulações críticas e, ainda, à crítica literária como exercício especulativo, em nossa época.

Danusa Depes Portas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, por sua vez, colabora com o artigo “Desvio para a imagem: impregnação, entorno, desvio”, analisando a imagem em seu potencial estético e em sua capacidade crítico-discursiva ligada a modelos epistêmicos de leitura e interpretação da literatura e das artes em geral. No estudo ela se detém no *Atlas portátil de América Latina*, organizado por Graciela Speranza, e lê as tensões constitutivas de produtos culturais que, ao aliarem a histórica colonial do continente, a tecnologia e os modelos epistêmicos herdados da modernidade, desmitificam, a partir da imagem e da imaginação, discursos e modos de significar correntes tanto nas mídias quanto nas ciências.

É também dessa abertura à imaginação associada à tecnologia que trata o artigo intitulado “Redes y relaciones experimentales en *La ansiedad* de Daniel Link”, de minha autoria, no qual analiso como a experimentação com as linguagens do universo virtual, assim como certos modos de relacionar-se explorados no ciberespaço se associam a modos de narrar, nesse romance de Daniel Link, e criam condições para a expressão de subjetividades experimentais afins a territórios tradicionalmente periféricos, no tecido social, que podem oferecer momentos de liberdade, mas podem, também, intensificar o sentido de isolamento dos indivíduos, situações tão comuns nas sociedades contemporâneas.

Por fim, encerrando o dossiê, temos o artigo de Mariela Herrero, da Universidad

Nacional de Rosario, na Argentina, intitulado “Máquinas y artefactos de profanar. Estrategias para una reactivación de lo improductivo”, no qual, a partir de várias obras literárias e visuais hispano-americanas e brasileiras, ela analisa como certas práticas estéticas “errantes” correntes na arte contemporânea problematizam as categorias de autor, origem, originalidade e obra, ao mesmo tempo em que parecem ativar novas potências estético-expressivas para tais artefatos artísticos.

E, então, numa espécie de movimentação também errante, dispersa entre estudos desenvolvidos em diferentes universidades da América Latina, que, no entanto, dialogam entre si pelas indagações, as leituras compartilhadas ou, mesmo, por passagens que provocam dissenso, forma-se este dossiê, que entregamos ao(à) leitor(a) como um convite a novos diálogos e leituras da arte, da literatura e da crítica modernas e contemporâneas.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os colaboradores, assim como ao editor-chefe da revista *Olho d'água*, pela oportunidade que nos deu para publicá-lo.

Uma boa leitura!

¡Muchas gracias! Obrigado!

Wanderlan Alves
Universidade Estadual da Paraíba